

# A SAUVAGE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 13 de Julho de 1836

N. 23

## LITTERATURA.

### Paginas intimas.

XXI

VOU CHORAR !... VOU RIR !

*Pleurer sourire.*

J. DURAND.

Já alguma vez amaste, leitor ? Já sentiste o coração expandir-se todo á idéa de que vaes receber d'amada um olhar, um sorriso que exprime tudo ? Já percorreste, uma a uma, as escalas do ciume, do odio e do despeito, porque tens sorprendido que aquella que amas sorri a outro.... a outro que póde ser teu rival — mudando-te a existencia feliz e venturosa em uma vida d'acerbo penar ? Pois bem, aquillo já eu senti, isto sinto-o agora !....

Oh ! vou invocar todas as furias do *averno* para castigar essa perjura que teve a crueldade de lançar-me em face um — *não te amo* capaz de fazer chorar um bezerro !.... Este ciume, a raiva que me domina ha de matar-me !.... Comtudo, eu podia ser feliz.... muito feliz ! Amava essa ingrata com todas as forças do meu coração ; tinha feito della a minha estrella, o meu guia — o meu tudo ! Esqueci por ella o que tenho de mais caro no mundo, por seu respeito iria á fogueira — far-me-hia *mahometano* ! Tenho derramado tantas lagrimas, que meus olhos parecem *dous charizes* ! Estou pallido, cadaverico — caminho a passos agigantados para a sepultura !.... E tudo isto por uma mulher ! Anjo que me fascinaste.... anjo não ; demonio que zombaste da mim — foge.... a tua presença causa-me horror.... foge.... a terra te engula de um só trago, e nas profundidades della te seja impresso o ferrete de.... *namoradeira* !....

Entremos na ordem do dia ; as *paginas intimas* começam aqui — o que deixo escripto é uma *pagina perdida*.... que alguém achará. O album da velha reclama a attenção dos leitores, por isso prosigamos :

— Consola-me porém a idéa de que tenho visto tudo que póde satisfazer a ambição d'uma mulher que poucos dias terá d'existencia. Impressionada pelo que vira e escutára, e não podendo estar se quer um minuto mais nessa salla que testemunhava tanta cousa má, levantei-me, e fui passear pelos corredores. Comprehende-se que eu andava só. Quem se dignaria offerter o braço a uma velha da minha qualidade ?

Findara a *walsa*. As moças, ora assentadas ora passeando dispunham-se a dar *beija mão* aos seus vassallos, estes, apressurados corriam de um lado a outro *semeando perolas*. São os cumprimentos lisengeiros e espirituosos que fazem á sua passagem.

Para quem ia resolvida a analysar tudo — estas puerilidades davam-lhe aso aos seus anhelos, e nada escapou ás minhas observações. Com esta perspicacia mulheril, que ninguem ousa contestar-nos, eu advinhára que era nos corredores que podia fazer grande colheita. Não me enganai. O corredor principal da casa dava para o jardim. As janellas estavam todas occupadas, já se sabe por um homem e uma mulher. A noite estava bella. A fragrança das flôres convidava a fallar d'amor, a lua, as estrella inspiravam os poetas.

Parecia tudo conspirar-se contra esta pobre gente, em proveito meu. A primeira *menina* que notei foi aquella que pretendia receber do apaixonado uma prova palpitante do seu amor. Fingi admirar o céo — a lua e as estrellas, para a ouvir melhor. Ella conversava — não com o mesmo *martyr*, mas com outro que durante a *walsa* fora seu *vis-a-vis* (Quando me persuadi que havia es-

crever tanto nome estrangeiro, que adoptamos para acompanhar o progresso.)

— Tinha um presentimento de que viria soffrer mais d'uma decepção impertinente, dizia elle com voz meliflua.

— Porque, Sr. ? perguntou ella com uma admiração perfeitamente calculada.

— Porque? e ainda m'o pergunta?! não vi eu á pouco que tenho um rival?!

— Essa insinuação offende-me, Sr. !

— E' ou não verdade ?

— Como são os homens ! exclamou a *menina* em tom philosophico. Egoistas sempre, esquecem que a mulher tem necessidade de sustentar o caracter inherente ao sexo a que pertence....

— Perdão, senhora, atalhou elle, não pretendo saber a razão porque concedeu alguns sorrisos ao meu rival, o que eu quero unicámente é uma explicação rasoavel sobre as minhas arguições.

— Explicação de algumas palavras que as conveniencias obrigam a despende ?

— As conveniencias não authorisam a mulher a despende essas palavras com o primeiro vindo.

— Sorrisos de cumprimento.

O *rigorista* fez um gesto d'enfado, e ia a retirar-se.

— Deixa-me já, Sr. ?

— Não devo fazel-o ? á meia hora que procuro provar-lhe que a amo, e a Sra. finge não comprehender-me. E retirou-se.

A *menina* quiz retel-o, deu com a minha presença, e conteve-se. Aproximei-me da janella, resolvida a occupar o lugar do *rigorista*. Assim o fiz ; cumprimentei aquella, e principiamos a falar do baile, da noute, das flôres e das estrellas. A conversação da *menina* (\*) era agradavel e espirituosa, admira-me como não achou phrases com que podesse acabrunhar o impertinente admirador. Eu queria trazel-a para outro terreno; tentei dar-lhe a entender que ouvira tudo, mas ella subtrahia-se aos laços que lhe armava. Não desesperei. Tenho por habito arreigado satisfazer os meus caprichos, tanto insisti que pude chegar ao alvo que procurava attingir....

(\*) Subliho menina, porque entendo que a velha acha o tratamento de Sra. um pouco subido.

Até domingo, leitores, sinto bastante não poder dar-vos hoje o final das *impressões* da velha, mas passei além das columnas que a Redacção da *Saudade* tem a fineza de conceder-me, e é forçoso despedir-me de vós.

Rio, 10 de Julho de 1856.

XAVIER PINTO.

## Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

### CORAGEM.

— Domingos, disse a joven com resolução, succumbi ao peso d'apprehensões que se não realisam, fiz mal, ha um meio com que posso subtrahir-me ás desgraças que me estão eminentes — é o convento.

— O convento ?

— Sim, vou recolher-me ao das Chagas, em Lamego. Amo em demasia o Sr. Carlos para viver com elle como irmã.

— Uma idéa egoista, menina, e que o Sr. Carlos aceitará como tal.

— Não, obedeco ao que me dita a consciencia ; viver com aquelle que amo, ouvil-o todos os dias, escutar aquella voz doce e vibrante que penetra até ao coração, e não poder dizer-lhe—amo-o, faça de mim o que lhe aprouver, não, este supplicio matar-me-hia, e eu sou bem joven para descer ao tumulo.

— Póde uma esperanza dissuadil-a do seu intento ?

— Talvez.

— Pois então espere, menina : com quanto o futuro pertença a Deos.... tenho uma idéa, confie em mim, e não desespere do porvir.

— O meu futuro, redarguiu Mathilde tristemente, deve ser o futuro de toda a mulher que ama e não é correspondida. Para que conheci eu o Sr. Carlos ? !

— Para o amar, para ver nelle seu pai, seu irmão — o unico ente que tem por si neste mundo ! Elle é tão bom !

— Sim, nobre e generoso ; é um desses homens que attrahe, que fascina com um olhar ou com um gesto. E', continuou Mathilde animando-se gradualmente, é um desses homens que subjugaria todas as mulheres, se a par desta exi-

cepionalidade não tivesse todos os instinctos do bem. E' emfim o unico homem que póde tornar-me a existencia fagueira !... Quando lhe fallo, quando vejo aquelle olhar prenhe d'uma attracção irresistivel, esqueço-me de tudo, nada vejo em torno de mim, e é Deos que me preservava de cahir aos pés de Carlos e confessar-lhe o que sinto — o que serei sem elle. Ainda hontem combati os desejos do meu coração — foi uma luta poderosa que m'a tornou inerte. Fallava-me de Luiza, dizia-me que ella era a sua unica esperança no porvir, dizia-me que mulher alguma seria capaz d'inspirar-lhe o sentimento que lh'inspirou a filha do doutor Rego, e disse-me por fim que ou ser esposo d'ella ou deixar para sempre estes lugares — Portugal até ! Já vê, Domingos, que eu não posso por mais tempo ficar nesta casa ; sou só no mundo, ninguem tenho que queira estender-me a mão, apenas o convento me dará agasalho, por isso hei de partir. Essa carta, como viste, era o meu derradeiro adeus a Carlos. Não podendo partir sem confessar-lhe que o amava, enchi a carta d'expressões amargas, dictadas por esse sentimento, e tinha tenção de deixar hoje estes lugares. Reconhecendo a falta do papel em que imprimira os meus mais intimos pensamentos, adiei a partida até achal-o de novo. Está em teu poder — entrega-o a Carlos, porque amanhã ao romper d'aurora devo estar longe d'aqui.

— Nem o Sr. Carlos verá esta carta, nem a menina entrará para um convento ; é o preto Domingos que o jura. Hoje nada posso fazer, por que é noute, e não devo deixal-a só ; amanhã porém dir-lhe-hei o que nos cumpre observar. Vamos, menina, é tarde, recolha-se ao seu quarto, e fique certa que ha bem perto de si um cão fiel que vela.

Domingos retirou-se, Mathilde vendo-o sahir disse :

Afeições como as de Carlos e deste homem produzem a felicidade, mas eu não posso ser feliz.

E encostando a cabeça a uma pequena mesa adormeceu, pronunciando repetidas vezes o nome do mancebo.

Eis aqui a carta que Mathilde escrevia a Carlos :

« Sr. Carlos.

« Conhece-me pouco, ignora que finjo á muito tempo, e tudo por não ter coragem de me confessar. Sinto dizer-lhe isto, porque não compenso se quer o primeiro sorriso de bondade que dependeu commigo. Sou muito joven, mas a des-

graça que desde o meu nascimento pesa sobre mim forçou-me a comprehender as cousas como ellas são. Admitto o complemento da origem das nossas relações, nunca poderei exigir de si mais que estas palavras — minha irmã ; é um titulo honroso e proprio a encher d'orgulho aquella que não póde exclamar — minha mãe ! Aspiro a mais, Sr. Carlos ; de frente a frente não teria animo para dizer-lhe isto, o meu coração fallaria mais alto impellindo-me a dizer-lhe — sou sua ! Agora mesmo, no momento em que isto escrevo, uma voz occulta me diz que não seria escutada.... restar-me-hia a morte ! Ser-me-hia doce se não me acompanhasse o sentimento de deixal-o — quero a vida ao menos para sentir o aroma da sua rapida passagem por perto de mim.... Esta linguagem deve sorprendel-o ; cuidará que nasce da exaltação do meu espirito, mas engana-se. Nunca fallei a ninguem com mais sangue frio. A resolução que tomei foi meditada de mais. Sentei-me á mesa com tenção d'escrever-lhe como o faria a um padre que não podesse ouvir-me de confissão. Arrisco talvez o meu futuro, mas cumprio um dever. Antes pois de deixar esta casa — estes lugares tão charos á minha existencia, estes lugares que testemunharam os meus desejos, as minhas aspirações — vou confessar-me. Será breve a confissão, duas palavras bastam — com ellas direi tudo. Amo-o Sr. Carlos, amo-o como jámais poderá ser amado — amo-o a ponto de fugir-lhe, porque sou mulher. Appello para os sentimentos de um homem honrado, elle dirá que cumpri com um dever. Adeus ; Luiza ama-o talvez como eu, o Sr. corresponde-lhe, um homem entre duas mulheres que o amam ha de dizel-o a uma, e eu não quero testemunhal-o. Adeus, Sr. Carlos ; vou encerrar-me em um lugar onde só possa penetrar a recordação do muito que o amei. Essa recordação será o meu repouso, o meu bem-estar.

« MATHILDE.

*Continúa.*

## Os esfaimados

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

(Continuação.)

A VINGANÇA.

Oh ! qual deveria ser a noticia ? só o destino m'a contaria... Terrivel palavra que ouvi d'um velho aldeão, e que ainda agora me zune ao ouvido

Noiva!.... e de quem? perguntei eu; do Sr. Ricardo, filho da Sra. Michaela, viuva do antigo escrivão de Santo Antão!.... Oh! foi pior do que se tivesse sentido o ferro frio d'algum punhal entrar-me no peito!.... Maria, esse anjo que julgava o mais santo sobre a terra, me trahio!?... como é possível?... disse commigo mesmo; dirigi-me a tua casa, pôde convencer-me a força de tuas ingratas palavras, que Julião não era agora para ti se não um ente desprezível e que servia de obstaculo a teus desejos. Oh! mais furioso do que o leão ferido, fiquei; ter-te-hia despedaçado e a teu usurario pai, se não me lembrasse que ainda não sabiam que eu estava rico. Voltei, mostrei-te que possuía ouro, mas o ajuste para o casamento estava feito e não querias transtornal-o. Mas os juramentos que me fizeste? Ah! anjo, mulher, ou demonio, como te conheci com tres diversas figuras sê tres vezes maldita!....

O contrabandista deixou cahir a cabeça sobre o peito, e conservou-se alguns minutos em silencio, depois levantando-se disse-lhe:

— Mas ainda é tempo, Maria, de dizeres que cumpres os juramentos que me fizeste, e se acaso não quizeres ficar aqui; fujamos, não nos faltará riqueza; tu trajarás os mais ricos vestuarios, e me darás vida; dize-me só que te arrependes de tudo quanto fizeste; e que só me amas!....

— Não! malvado? homem desprezível!.... vil contrabandista de carne humana!.... não receberás de mim uma unica palavra de amizade, odio eterno e mais odio será a minha resposta! tu és o maior assassino que pisa sobre a terra; e teme o castigo de Deos! elle me fará justiça; e assim ficarei vingada!....

— Ah! Ah! Ah! pronunciou o contrabandista com escarneo. Então só porque fui contrabandista tornei-me desprezível a teus olhos?!. . . e tu, companheira de satanaz, praticando o que praticaste que castigo mereces?!. . . Ah! és mulher, e basta!

— Sabe que assim que sahi de tua casa convencido que me tinhas trahido, jurei e esse juramento feito no auge de minha raiva ha de ser cumprido!.... Porque assim como te tive um amor verdadeiro, transformal-o-hei agora em dobrado odio, e lembra-te que estás em minhas mãos.

— Enganas-te malvado!.... pronunciou Maria desesperada.

— Oh! muito embora conheça que é um crime horrivel o que a raiva me dita, hei de cumprir-o. Ou Maria ha de ser minha, ou minha cabeça rolará os degrãos do cadafalso! Ainda mesmo que depois minha alma vá penar eternamente!.... terei cumprido o que jurei, e terei livrado o mundo d'uma vibora!

E agarrando-a desesperado pela cintura atirou-a com força para cima da banca.

Maria recobrou animo e desesperada levantando-se no mesmo instante, pôde arrancar com rapidez um punhal do cinto do malvado; vio-se o ferro brillar á luz da lampada, e Julião recuou espavorido, mas por estas palavras ditas com afflicção: — Meu Deos, salvai minha alma!.... conheceu-se que Maria tinha enterrado no peito o punhal. As forças lhe faltaram, e fechando os olhos cahio soltando um gemido.

Julião puchando os cabellos e mais furioso do que se pôde imaginar, arrancou o punhal, e o sangue sahio. Poz-se em pé contemplando o corpo sem movimento e duas lagrimas lhe correram pelas faces!....

— Soube castigar-me!.... oh! em quem descarregarei o golpe que ella merecia?.... ficará guardado commigo?.... não!.... ainda assim mesmo morta lhe cravarei o punhal tantas vezes quantos juramentos me repetio; e dizendo, foi executar seu barbaro pensamento!....

A porta do subterraneo abriu-se de par em par e os contrabandistas sahiram espavoridos gritando — capitão!.... não ouvís?.... Um grande ajuntamento de povo esfaimado que corre para cá!... Voltaram-se e viram assassinado o corpo de Maria, uma exclamação se ouviu — barbaro!....

Julião olhou-os com raiva e respondeu-lhes:

— Foi ella que se suicidou!....

Um barulho confuso deixou-se ouvir, e depois os gritos: — E' aqui! E' aqui! e em seguida grandes pancadas fizeram abalar a porta, os contrabandistas prepararam as armas para o combate, e Julião dirigindo-se a um dos seus disse: carrega esse corpo para baixo.... O contrabandista carregou-o, e a metade da porta fez-se em pedaços.

(Continúa.)

**Frederico**

OU O MYSTERIO D'UM AMOR

ROMANCE

## CAPITULO VIII

(Conclusão.)

Luiza com a cabeça reclinada na cadeira parecia ter adormecido ; seus olhos semi-abertos, foram pouco a pouco fechando-se ; era chegada a hora do somno da eternidade !

Frederico observava toda esta scena triste, e comprehendeu-a n'um momento !... Ajoelhou-se a seus pés exclamando com voz suffocada :

— Luiza... Luiza... oh !... tu queres fugirme quando se nos abria um céu de felicidade ! Luiza... oh ! vida da minha vida, vive para que eu possa tambem viver ! ! Não sabes tu que já não posso existir sem ti !... Luiza... torna em ti, anjo adorado do meu coração... luz dos meus olhos !...

Aqui, as lagrimas ardentes já lhe escaldavam as faces, e levado ao auge de uma dor pungente, e saudosa, abraçou Luiza com ternura, e unio as suas faces humedecidas do pranto ás della, porém aquelle coração que a pouco pulsava com tanta avidéz, estava já frio !... Aquellas faces que inda agora tinham brilhado, estavam impalidecidas e regeladas ! Frederico, oh ! dor !... desde esse momento, perdeu toda a serenidade de espirito, e de tal maneira sentio a perda de Luiza, que lhe não sobreviveu duas horas ; e morreu com Luiza em seus braços !...

Margarida que tinha sido testemunha de tantos desastres, vio-se agora por seu turno desamparada sem o arrimo de sua boa ama e amiga. Tratou logo do enterro dos dous amantes, e ajudada por um pescador que se mostrara penalizado de uma tal fatalidade, abriu uma cova perto do albergue e foram enterrados juntos, tendo o cuidado de os deixar com os corações unidos e os braços enlaçados.

Era muito justo que dous amantes que se não puderam unir em vida se unissem depois de mortos !

Margarida dali em diante poucos dias se passavam, que não viesse em romagem visitar a sepultura dos dous infelizes amantes ; e realmente era bem curioso ver a elegancia com que estava ornada, pois Margarida nunca se descuidava de lhe plantar á roda algumas saudades, goivos e ciprestes. Muitas tardos passava ella neste

trabalho que fazia por amor e veneração á sua saudosa ama e amiga.

Tudo estava consumado emfim.

Alfredo tinha sido condemnado a galés perpetuas onde morreu depois de alguns annos de remorsos ; e o malvado Julio Ferraz, foi enforcado no largo de Moura, por que se tinha justificado ter sido elle o assassino do doutor Lima.

Jorge esse mancebo que tinha sido portador da carta de Alfredo, tendo adquirido alguma fortuna no commercio, decidio-se a partir para Lisboa, donde era natural, e querendo em seu regresso saber noticias de Luiza e de Frederico, tratou um barco e fez a sua rota por Santa Helena. Apenas desembarcou, foi logo informado por Margarida do que havia occorrido e disse ficou summamente pesaroso. Mandou-lhe gravar em uma lousa de fino marmore, os seguintes versos á sua memoria, e os fez collocar sobre sua sepultura.

« Aqui jaz Frederico repousando,  
« Extremoso mancebo perseguido  
« Dos rigores da sorte mais cruel  
« Que se tenha em amores convertido.

« E Luiza depois arrependida,  
« Por lhe ter recusado os doces laços,  
« Maguada e opprimida dos remorsos  
« Veio por fim repousar entre seus braços.

Depois de assim mostrar a amizade que consagrava a esses dous entes que dormiam o somno eterno, seguiu para Lisboa levando em sua companhia Margarida, que mais tarde fez parte de sua familia, dando-lhe sempre um delicado tratamento.

E assim terminou o mysterio do amor de Frederico que bem mysterioso foi elle para um coração tão sensivel como era o seu. Receba elle tambem de mim uma lagrima de pura saudade, em tributo de gratidão á sua memoria.

M. LEITE MACHADO.

**A Rainha Cleopatra.**

FRAGMENTO.

I

ANTES D'AURORA,

(Continuação do n.º 16.)

Se durante estas horas mysteriosas o *pelicano* das solidões vem a passar, elle redobra de ligeireza, e ouve-se ao longe o rumor sonoro de suas

asas, e seus gritos espantados. Ou tambem se algum novo *aligator*, adormecido sob as figueiras, acorda de repente, suas escamas estremece todas, e vendo o deus, e a sua amada, precipita-se nas aguas, e vai contar seu terror áquelles que vivem nas profundidades do rio.

Porém quando o Nilo tem entrado em seu palacio de rochas musgosas, quando elle ha visto o barathro do seu imperio, a formosa aurora do Estio, volta-se, sorrindo, sobre o monte *Sinai*, e passando acima do *Egypto*, elle o sauda, e o chama fecunda e feliz entre todas as raihas Orientaes.

Uma noute os grandes *Esphinges*, reunidos no fundo das escadas de marmore que desciam até ao mar, foram batidos pelos continuos golpes do vento, e suas cabeças de granito envolveram-se sob uma poeira humida.

O palacio de *Ptolomeu Philadelpho*, recebia em seus porticos os apagados relampagos que se cruzavam no espaço.

O pharol de *Sostrate Gnidiano* lançava ás nuvens sua longa flamma, semelhante ao dardejar da lingua da serpente.

As ondas quebrávan-se nos rochedos de *Lochais*, e de momento a momento distinguia-se sobre as vagas o oscilar das galeras que regresavam de *Canope*, mau grado tantos signaes funestos.

Em uma galeria do palacio de *Ptolomeu*, uma mulher contempla a noute, a tempestade, o pharol e a cidade d'*Alexandria*.

Esta cidade era d'ella, e d'ella crão esses dous portos, esses grandes navios, d'ella as margens arenosas, as regiões fecundas, os desertos sem limites — todo o *Egypto* emfim.

Vendo a colera do mar ella quiz socegar a sua bem amada terra, e sorria-se. Divino sorriso, cujos encantos tocaram sem duvida os deuses marinhos que passavam, por que as ondas amotinadas começaram a applacar-se.

Então uma voz mais melodiosa que a flauta *Lydiana*, soltou estas palavras aos ventos tempestuosos :

*Egypto*, tem confiança em mim.

O mar é um leão, mas um leão preso, e que morderá apenas as tuas asas.

Nossos deuses nos amam, *Egypto*, renasça a paz e sê feliz, por que eu te darei festas como jamais em *Assyria* deram os reis de *Ninive* e da *Babilonia*.

( *Continuação.* )

Traduzido por XAVIER PINTO.

## POESIAS.

### Pequei !

Pequei, *Julia*, o teu perdão  
Eu o quero, e compaixão,  
Compaixão que bem mereço ;  
Esqueci-te por momentos,  
E em outra os pensamentos  
Empreguei, que hoje aborreço.

Enganei-me—os seus protestos,  
Pago-os hoje com doestos  
Nascidos do coração ;  
Lábios candentes não mentem,  
E jamais tambem consentem  
Receber o que não dão.

Foi um sonho transitorio,  
Mas tambem o irrisorio  
Alguma parte tomou ;  
E se vem a realidade  
Parece não ser verdade  
Pois que o passado voltou...

Era linda a mais não ser,  
De seus olhos a um volver  
Fazia todos curvar ;  
Era linda como é a rosa  
Na manhã d'*Abril* formosa  
Quando começa a raiar.

Era linda, e seus eucantos  
Inspiravam doces cantos  
Ao poeta — ao trovador ;  
Era linda... mas vaidosa,  
Era rica, era orgulhosa  
A ninguem guardava amor.

Esqueci-a — com desprezo  
Pagarei desprezo seu,  
Fui captivo — estou illeso  
E' vontade — quero-o eu ;  
E alfim, subjugada  
Pedirá o seu perdão,  
Não terá, oh ! foi culpada...  
Não a quero, por Deos, não !...

Pequei *Julia*, perdoado,  
Virá em breve o passado

Mitigar a minha dor,  
Chamarei a minha lyra  
P'ra cantar o que lh'inspira  
Meu amor com teu amor.

Julho 2 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.



## Tentativas Poeticas.

DE F. GONSALVES BRAGA. (\*)

XXII.

PORTUGAL.

AOS MEUS COMPATRIOTAS.

I.

Levanta a frente, magestosa, altiva,  
Da terra ao ceo, occidental gigante :  
Alarga os braços, e com força activa  
Abala o mundo, por qu'inda és possante !

Bem sei que dormes, mas é tempo : — acorda !  
Faz ver ao mundo que a dormir descanças ;  
E' morte o somno ? — Diz que não : — recorda  
Teu grande nome, que o teu brilho alcanças !

Recorda ao mundo os lusitanos feitos  
Nas grandes eras das nações guerreiras :  
Recorda os lusos a vencer affeitos,  
Nas lutas sempre a conquistar bandeiras ! —

Recorda um povo, que recorda ufano  
Do luso reino triumphaes victorias,  
Qu'inda excediam ao poder humano,  
Ganhando um nome d'immortaes memorias ! —

Se agora és fraca, Lusitania, outr'ora  
Feudaes tributos das nações tiveste ;  
Se um grande nome só te resta agora  
Nas grandes lutas com valor venceste.

Se a Grecia altiva, se a soberba Roma  
Potentes foram nas remotas eras ;  
A'quella iguallas, que inimigos doma,  
A esta excedes, que sobre ella imperas !

(\*) Agradecemos ao Illm. Sr. Francisco Gonsalves Braga, autor da excellente poesia — Portugal — a offerta que nos fez della para a *Saudade*, pedindo-lhe que queira continuar a honrar-nos com as suas produções.  
A Redacção.

Descanças hoje n'um dormir profundo,  
Mas não morreste qu'inda a força gosas ;  
Não morre um Reino que deu leis ao mundo  
Que é sempre vivo em tradicções honrosas !

Levanta a frente, magestosa, altiva.  
Da terra ao ceo occidental gigante,  
Alarga os braços, e com força activa  
Abala o mundo por qu'inda és possante !

II.

Ouvi, ó povos do Universo inteiro  
Da minha patria, grandiosos feitos : —  
Vêde em seu throno cada um rei—guerreiro—  
Nos seus guerreiros, — mavortinos peitos.

Da Roma altiva uma invasão armada  
Pretende os lusos sujeitar a si :  
VIRIATO empunha sna lança, e brada : —  
« Romanos ! Vê-de qu'inda não morri ! »

Dizendo, arroja-se entre a imiga gente,  
A cujos peitos sua lança aponta !  
Volta do campo, vencedor, contente,  
Vingando a patria da estrangeira affronta !

Não pode a gente que ficou vencida,  
Do heroe vingar-se, lealmente, em guerra : —  
Quando elle dorme, a repousar da lida,  
Traidora espada no seu peito enterra !

D'outra maneira não podera a morte  
Dar fim ao homem que mil mortes dera !  
E se não fôra tão traidora sorte  
Somente um raio dar-lhe fim podera !

Regendo o Reino o virtuoso HENRIQUE  
Ensina o povo a respeitar a lei :  
Seu filho AFFONSO, vencedor d'Ourique  
Por seus guerreiros é chamado — REI. —

Depois na igreja que em Lamego existe  
Fundou Affonso o portuguez reinado :  
Nobresa ao povo reunida assiste  
A'grande festa, na qual foi c'roado.

Então seguro do seu nome augusto  
Precisite affeito na missão honrada :  
Destróe descrentes, — o temor e o susto  
Infunde aos mouros com famosa espada !

Dizel-o podem Santarem, Lisboa,  
 Por elle saivas do poder dos mouros !  
 Lembrança eterna de taes feitos sôa  
 Não voz do povo, que equivale aos louros !

Ao lado sempre do monarcha invicto  
 D. EGAS brilha, que um modelo encerra  
 De — LEALDADE — sen farol, seu rito,  
 Na paz seu aio, seu rival na guerra. —

Seu rei que estava d'infieis cercado,  
 Palavra sua o desviou da morte ;  
 Na foi cumprida — ao inimigo estado  
 Couduz os filhos e a fiel consorte !

Lá marcham todos com as mãos atadas  
 Com roupas alvas como Réos d'um crime !  
 Assim amostram ás nações pasmadas  
 Acção só propria de um heroe sublime !

Tambem a historia recommenda á fama  
 Quem nas batalhas igualou ao — Rei : —  
 — MENDES DA MAIA — a quem a patria chama  
 — O LIDADOR, — que sustentou-lhe a lei.

Morre, matando Almoleimár, — e a morte  
 Foi-lhe invejada por ter sido — honrosa, —  
 Qual sempre fôra tão leal, tão forte,  
 Termina a vida n'uma acção famosa !

Alboazem chega : de tomar vingança  
 Na lusa gente, as intenções só traz,  
 LOURENÇO VIEGAS — o Espadeiro — avança,  
 Seu elmo e craneo em mil pedaços faz !

DOM PAIO PERES, vencedor famoso  
 Da forte Silves, que a infieis ganhou,  
 Sobre as muralhas do castello annoso  
 Das lusas quinas o pendou firmou !

MARTIN-MUNIZ, que foi comprar co'a vida,  
 Dos portuguezes triumphante entrada  
 No grão castello de Lisboa querida,  
 Que foi aos mouros com valor ganhada ;

Morre entalado, dos chistãos em frente,  
 Na grande porta d'immortal memoria !  
 Sentio ainda a lusitana gente  
 Passar sobre elle a proclamar : — VICTORIA !

(Continúa.)

## O passado.

*Era bello esse tempo da vida,  
 Em que esta harpa fallava d'amores.*

A. HERCULANO.

Tenho pena do tempo passado  
 Em que perdido andava de amor ;  
 Illudido talvez por uns olhos  
 Lindos, lindos no bello fulgor.

Eu cantava mui terno na lyra  
 Meigas trovas do meu coração ;  
 Eu jurava amor firme á donzella  
 Dedicando-lhe a minha canção.

Muitas vezes errante sosinho  
 Eu andava só nella a pensar ;  
 Julgava-a divina na terra,  
 Desejava-lhe erguer um altar.

Infeliz, infeliz, que não via,  
 Essa sorte que Deos me mandou,  
 De cantar as endechas sentidas  
 A'donzella que mal me pagou.

Mas agora que importa o passado,  
 Foi sonhado porvir a soffrer ;  
 Sou feliz, mui feliz no present te  
 Quero só p'ra meu Deos o viver.

M. LEITE MACHADO.

**Roga-se encarecidamente aos  
 Srs. assignantes que não tem re-  
 cebido todos os ns. deste jornal  
 hajão de reclamar por escripto  
 nesta typographia. A Redacção  
 aproveita o ensejo para decla-  
 rar que o programma da folha  
 não permite a inserção de cha-  
 radas, logogriphos, motes, so-  
 tos e acrosticos.**

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.